

## **A contação de histórias na formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental no sistema educacional do Brasil**

### **The storytelling in formation of readers in the initial years of elementary education**

DOI: 10.46814/lajdv3n2-015

Recebimento dos originais: 23/12/2020

Aceitação para publicação: 26/02/2021

#### **Arão Davi Oliveira**

Doutorando em Educação. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)  
Av. Tamandaré, 6000, Bloco D PPGE- Jardim Seminario, Campo Grande – MS , 79117-900.  
E-mail: adodavi@gmail.com

#### **Bianca Eduarda do Nascimento Alves**

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Campo Grande, 2019; Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade IBRA, 2020.  
Av. Gerasa, 1447 - Bethania, Ipatinga - MG, 35164-056.  
E-mail: bianca.eduarda@icloud.com

#### **Ketlen Nunes Loks**

Licenciada em Pedagogia. Faculdade de Campo Grande. Av. Afonso Pena, 275 - Amambai, Campo Grande - MS, 79005-000.  
E-mail: ketlen\_loks01@hotmail.com

#### **Mayara Lucila Rezende Martinez**

Licenciada em Pedagogia. Faculdade de Campo Grande. Av. Afonso Pena, 275 - Amambai, Campo Grande - MS, 79005-000.  
E-mail: mrezendemartinez@gmail.com

#### **RESUMO**

Esta pesquisa visa responder a seguinte problemática: como a contação de histórias pode contribuir na formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental? Desta forma, traçamos como objetivo geral: analisar as contribuições da contação de histórias na formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola particular de Campo Grande - MS, obtendo como objetivos específicos: 1) compreender o processo de letramento dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental e 2) discutir como o uso da contação de histórias, na prática pedagógica, pode contribuir no processo de letramento do aluno. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada da qual participaram três professoras alfabetizadoras de uma escola da rede particular de Campo Grande – MS que usam a contação de história em suas rotinas pedagógicas. Esta é uma pesquisa qualitativa com abordagem documental, bibliográfica e de campo. Os dados coletados foram analisados tendo por base os pressupostos teóricos de Soares (2010); Freire (2008); Araújo, Bravo e Rodrigues (2014); Busatto (2003); Abramovich (2001). Os resultados desta pesquisa indicam que, a contação de histórias é um recurso eficiente para auxiliar o processo de letramento dos alunos, uma vez que inserida nas práticas pedagógicas das docentes, se torna um subsídio para formação de futuros leitores.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental, Letramento, Formação de leitores, Contação de histórias.

#### **ABSTRACT**

This research aims to answer the following problem: how can storytelling contribute to the formation of

readers in the early years of elementary education? In this way, we outline as a general objective: to analyze the contributions of storytelling in the formation of readers in the early years of elementary education in a private school in Campo Grande - MS, obtaining as specific objectives: 1) to understand the literacy process of students in initial years of elementary education and 2) discuss how the use of storytelling in pedagogical practice can contribute to the student's literacy process. The data collection instrument was the semi-structured interview in which three literacy teachers from a private school in Campo Grande - MS participated, who use storytelling in their pedagogical routines. This is a qualitative research with a documentary, bibliographic and field approach. The collected data were analyzed based on the theoretical assumptions of Soares (2010); Freire (2008); Araújo, Bravo and Rodrigues (2014); Busatto (2003); Abramovich (2001). The results of this research indicate that storytelling is an efficient resource to assist the students' literacy process, once inserted in the teachers' pedagogical practices, it becomes a subsidy for the formation of future readers.

**Keywords:** Elementary Education, Literacy, Formation of readers, Storytelling.

## 1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias tem se constituído em uma importante estratégias pedagógicas para o desenvolvimento do letramento de crianças. Assim, essa pesquisa parte da problemática de como a contação de histórias pode contribuir para a formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental?

Traçamos como objetivo geral para essa pesquisa: analisar as contribuições da contação de histórias na formação de leitores, nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede particular de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Dividido em dois objetivos específicos, 1- compreender o processo de letramento dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental e 2- discutir como o uso da contação de histórias, na prática pedagógica, pode contribuir no processo de letramento do aluno.

Está é uma pesquisa qualitativa na qual foi adotada a pesquisa de campo junto a pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa de campo realizada pela observação de três professoras que tem como prática pedagógica, a contação de histórias, seguida de entrevista semiestruturada com essas professoras observadas.

Para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica foram utilizados textos de teóricos como Bettelheim (1980); Soares (2004, 2010, 2015); Araújo, Bravo e Rodrigues (2014); Prado (2019); Coelho (1984, 2000); Freire (2008); Terzi (1995); Miguez (2000); Busatto (2003); Abramovich (2001). A pesquisa documental contemplou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 2000); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018).

Este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, realizamos uma revisão da literatura dividida em três momentos: o primeiro intitulado “A psicanálise da contação de histórias”, no qual apresentamos de forma sucinta como o conto se manifesta no consciente da criança; o segundo intitulado “ ‘Era uma vez...’ o princípio da contação de histórias”, apresentamos um pequeno trecho de como a contação de histórias está presente mesmo antes da escrita e pouco de como era contada; o terceiro intitulado “A contação de histórias como situação de aprendizagem no processo de

letramento”, abordamos como a contação e histórias pode ser inserida no processo de letramento e sua importância frente a formação de leitores. Na segunda seção, intitulada “Procedimentos metodológicos”, detalhamos os procedimentos metodológicos, na qual descrevemos a seleção metodológica e construção do estudo; apresentamos, também, o lócus da pesquisa com informações sobre a instituição onde realizamos as entrevistas com as docentes; assim como, apresentamos os sujeitos da pesquisa detalhando informações sobre as docentes entrevistadas como, formação e tempo de atuação na área da educação. Na terceira seção dessa pesquisa intitulada “Apresentação, análise e discussão dos resultados”, os resultados da observação e entrevista são tratados junto as discussões das relações indicadas pelas professoras frente a literatura coletada e sua abordagem de como a contação de histórias contribui para a formação de leitores. Por fim, foram apresentadas as percepções a respeito do tema central do estudo, apresentadas nas considerações finais.

## 2 UMA REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 A PSICANÁLISE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O hábito do conto é histórico, é parte da natureza humana criar enredos de acontecimentos de uma trama afim de que se chegue a um significado, ou mesmo a um sentido existencial. Também é característico da contação de histórias que ela traga uma possibilidade de desenvolvimento de nossos recursos interiores.

Contar uma história influencia a criança no aspecto moral, além de se tornar uma passagem para o mundo lúdico. Bettelheim (1980) defende que a partir de uma vertente psicanalítica o conto traz importantes mensagens à mente consciente a pré-consciente e inconscientes, a criança se encontra no seu ser psicológico e emocional. Bettelheim (1980, p. 17) enfatiza a ideia de que *“a prescrição de Freud é de que só lutando corajosamente contra o que aparenta ser desvantagens esmagadoras o homem consegue extrair um sentido da sua existência”*.

Trazendo tal vertente à prática escolar, contemplamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), no que diz respeito a práticas direcionadas aos anos iniciais do ensino fundamental, no Art. 32, ela ressalta que a educação, nessa etapa, tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

- [...] II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem tendo em vista a aquisição e conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores [...] (BRASIL, 1996, Art. 32).

A formação de valores e compreensão do mundo que a cerca, bem como politicamente estão organizadas na sociedade, o professor contador, pode buscar histórias com apelo social, que propiciem ao aluno o início da formação de senso de cidadania, contos que contenham o lado bom e lado ruim, e

que ressaltem a importância de pensar em suas atitudes no cotidiano, e suas consequências enfatizando valores e princípios do respeito, e de como vale a pena ser um bom cidadão, a leitura de uma história pode levar esse aluno a conhecer realidades que estão a sua volta que não somente a sua, ampliando assim a compreensão de mundo desse aluno, bem como se apropriar do seu papel de cidadão na sociedade, e o lugar que ocupa na mesma enquanto tal.

A história desperta o interesse do aluno, que ouve atentamente todo o enredo e logo quer saber como a história termina, ouve o professor contando-lhe, porém quer ele mesmo ler o que está ouvindo ou mesmo ver as imagens da história contidas no livro, desta forma vão se criando situações de aprendizagem que favorecem efetivamente as habilidades de domínio da leitura.

“Era uma vez...” O Princípio da Contação de Histórias

Contar histórias é um ato que pertence a humanidade, há muitos e muitos anos. Por meio das histórias as pessoas passam conhecimentos, tradições e utilizam deste ato como um meio de distração e passatempo. A contação de histórias se deu antes mesmo da escrita, que foi passada de geração para geração, e atualmente são recordadas em livros, filmes e jogos.

A tecnologia se tornou um pequeno impasse, porém o costume do conto oral permanece. Esclarecendo “contação de histórias” a professora Sandra da Conceição do Prado (2019) alega que:

[...] o termo 'Contação de histórias' não existe gramaticalmente. O termo é uma expressão relativamente recente, livremente traduzida e adaptada de países de língua castelhana "cuentacuentos", que pode significar tanto o ato de se contar histórias, quanto o próprio contador” na língua inglesa, temos o termo "Storytelling" que é o ato, ou capacidade de se narrar um fato, ou história, de improviso, ou planejadamente, usando diversos tipos de recursos, ou um apenas. Os termos que se encontram fora do uso oficial da língua, mesmo que nela não encontrem referência nos dicionários e acordos ortográficos, sim, fazem parte da nossa língua, desde que não seja um erro ortográfico, ou de construção verbal (PRADO, 2019, s/p).

Desta forma, Coelho (1984, p. 31) diz que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”.

Mesmo antes da escrita até os dias atuais, existe uma certa necessidade de encontrar um sentido para a vida, de buscar interpretações para inquietações como para propagar entendimentos, vivências, sabedorias e experiências de antepassados para as novas gerações, fazendo com que a vontade de ouvir, contar e recontar histórias se torne indispensável.

Assim, Coelho (2000, p. 31) afirma que “nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em ato de aprendizagem.”

## 2.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Antes de ler a palavra a criança lê o mundo por meio de tudo que a cerca, olhares, expressões, gestos e toques. Freire (2008, p. 11) sustenta que: “A leitura do mundo, precede a leitura da palavra”.

A leitura se torna uma produção de sentido que as crianças criam para o mundo que a rodeiam, e assim, começam a perceber as relações espaciais existentes, as relações de afeto, observam que cada coisa ocupa um lugar, que existe um nome para tudo, começam a manifestar seus gostos e preferências.

É por meio desse contato com o mundo que a criança constrói inicialmente seus símbolos e significados próprios, e depois os constrói socialmente. Nesse sentido, antes de ler a palavra, a criança já vivenciou diversas leituras do mundo.

A literatura sempre andou lado a lado com o letramento, pois junto da leitura se constrói um relacionamento com a língua escrita, internalizando suas formas e estruturas, assim como, seus diversos estilos.

Segundo Soares (2010, p. 21) “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” E, por isso, é importante inserir o aluno em diversas situações de práticas de leitura e de escrita, a fim de torná-lo um leitor crítico, de fazê-lo compreender o mundo na contemporaneidade, estimulando sua criatividade e lhe dando possibilidades de se expressar, evitando que se tornem apenas analfabetos funcionais onde a leitura e a escrita não serviriam de nada dentro de um contexto social.

Nas palavras de Coelho (2000),

o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 2000, p. 151).

O processo de formação de leitores, muitas vezes é dificultado pelos próprios adultos, que formulam sequências idealizadas. O estímulo deve ocorrer dentro do ambiente domiciliar, para que na escola o processo seja menos conflituoso e constrangedor, a criança deve ser incentivada a ação de leitura, mesmo que ainda não saiba a fazer corretamente.

Terzi (1995, p. 92), conclui que “Os benefícios de um ambiente familiar rico em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e, conseqüentemente, maior sucesso nas primeiras séries escolares”.

Quando se tem o auxílio/respaldo de algo para saltar de um ponto para outro ou de um lugar para o outro, essa locomoção se torna mais fácil, uma vez que se inclui a contação de histórias neste processo de letramento, ela se torna uma peça-chave, pois dentre uma história e outra, a criança entra em contato com um mundo de letras, palavras, sons e significados, ou seja, se torna um subsídio para a criança tanto para que tome gosto pela leitura quanto para sua escrita. Sendo assim, Soares (2015) argumenta que:

Desta forma, ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamentos cognitivo e metacognitivo; inclui entre outras habilidades, a

habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e ainda habilidades de fazer previsões iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as previsões iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações (SOARES, 2015, p. 31).

Pensando nisso, o professor enquanto contador de histórias precisa saber que não se trata de uma mera narração, com pouca ou nenhuma responsabilidade com a história. Contos, histórias, fábulas, parlendas e historietas, trazem mensagens e os alunos enquanto receptores precisam sentir, ouvir e perceber o que esse conto traz e a magia que carregam em si.

Araújo, Bravo e Rodrigues (2014, p. 84) reforçam a ideia que “a contação de história em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação, o que facilita a aprendizagem oral e escrita”. E as crianças enquanto ouvintes em muitas situações, relacionam sua realidade com a história contada pelo professor, e a forma como o mesmo a reproduz, pode repercutir na mente da criança positivamente ou negativamente. Miguez (2000, p. 28) realça a ideia de que “na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer”.

Nas orientações didáticas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a contação de histórias é proposta como parte integrante de uma série de práticas onde é ressaltado que o espaço de aprendizagem não deve se limitar à escola, sendo necessário propor atividades externas.

A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visitas a fábricas, mercearia, padarias, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar. No dia a dia devem-se aproveitar os espaços externos para realizar atividades cotidianas, como ler, contar histórias, fazer desenho de observação, buscar materiais para coleções” (BRASIL, 1998, p. 103).

Portanto, a escola acaba se tornando também uma agência que veicula esse processo de tornar o aluno letrado e não apenas alfabetizado. Não que seja um processo menos importante, pois são dois fatores indissociáveis e que se interligam. Dessa forma, Soares (2004) argumenta que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco por que, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

Tornar esses dois aspectos – alfabetização e letramento – como uma dicotomia, seria um equívoco,



pois se o aluno é letrado, ou seja, utiliza capacidades de leitura e escrita na sociedade, ele é também alfabetizado, pois tem conhecimento das letras, das suas formas, sons e grafemas.

Sendo assim, ato de contar/recontar histórias é muito além de reproduzir palavras, é oportunizar um ambiente onde os alunos aprendem juntos, se relacionam entre si, trocando medos, alegrias, experiências, sonhos e vontades, Busatto (2003), explicita a ideia de que:

Além de ser um exercício de socialização, a criança estará desenvolvendo aptidões importantes, como se expressar perante um grupo de pessoas com desenvoltura e domínio de espaço. Ao mesmo tempo estará entrando em contato com seus afetos, pois ao dar forma e expressão aos sentimentos contidos no texto ela aprenderá a lidar com os seus, e tudo isto leva, conseqüentemente, a uma ampliação dos seus recursos internos e a um amadurecimento psicológico (BUSATTO, 2003, p. 40).

E o professor é o personagem principal e fundamental para que isso ocorra efetivamente, pelo fato que tem a possibilidade de construir uma ponte – por meio da contação de histórias – entre o fantástico mundo da criança que é seu imaginário até a linguagem, como um auxílio para o processo de ensino-aprendizagem da escrita.

Desta forma, a contação de histórias se torna uma ferramenta importante para o auxílio no processo de letramento e também para a prática pedagógica, pois é algo que as crianças gostam e o professor/contador pode trabalhar diversos aspectos, como, por exemplo, o momento de ouvir e deixar o outro falar, respeitar o espaço do outro, além de ser uma prática divertida e emocionante. Nas palavras de Busatto (2003):

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45).

A contação de histórias enquanto uma das estratégias pedagógicas para o letramento, esta intrinsecamente ligada a ludicidade, sendo ela, uma forma menos monótona e com menos sofrimento de formar cidadãos críticos, que sabem se desvencilhar de qualquer situação em meio a sociedade e que sabem se expressar sem dificuldades, lhes dando a satisfação e a alegria de aprender. Sob essa óptica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018) reforça a ideia de que:

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo (BRASIL, 2018, p. 58).

Nessa vertente a contação de histórias então se torna uma parte de um universo literário gigantesco, com uma sucessão de textos que podem ser interpretados por um professor/contador, um pai, uma mãe, enfim, por alguém que entre nesse mundo e faça com esse texto ganhe vida, cor, formas e magia, “ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor e ser leitor é ter um caminho de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 2001, p. 16).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo dessa pesquisa busca analisar essas contribuições da contação de histórias na formação de leitores, nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede particular de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Para essa finalidade, esta pesquisa se aproximou do conhecimento da prática pedagógica das professoras que agregam a contação de histórias como forma de contribuição no processo de letramento dos alunos, com observação e questionamento.

Esta pesquisa é do tipo qualitativa com abordagem documental, bibliográfica e empírica. Entendemos como características de uma pesquisa qualitativa o que aponta Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), ou seja,

São objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeitando o caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para toda as ciências”

A pesquisa bibliográfica a qual é entendida por Lakatos e Marconi (2003, p. 158) como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”, neste trabalho foi desenvolvida a partir de textos de autores de referência nas temáticas da contação de história, da ludicidade, e do letramento, como: Bettelheim (1980); Soares (2004, 2010, 2015); Prado (2019); Coelho (1984, 2000); Freire (2008); Terzi (1995); Araújo, Bravo e Rodrigues (2014); Miguez (2000); Busatto (2003) e Abramovich (2001).

Na pesquisa documental utilizamos o PCN de Artes, a Base Nacional Comum Curricular e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), a fim de identificar aspectos pertinentes ao objeto de estudo aqui investigado. Conceituando a pesquisa documental, Lakatos e Marconi (2003) sublinham que a fonte de coleta de dados desse estilo de pesquisa está exclusivamente restrita por meio de documentos, podendo eles serem escritos ou não, intitulando assim como uma fonte primária, onde a coleta pode ser feita antes ou depois do fato.

Os dados coletados na pesquisa de campo foram obtidos por meio aplicação de entrevista semiestruturada composta por três questões aplicadas a três educadoras de uma escola da rede particular de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Lakatos e Marconi (2003) discorrem sobre a pesquisa de campo:



é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 174).

As entrevistas foram aplicadas no espaço de trabalho das professoras, durante seus intervalos ou antes/após o encerramento das aulas, com sessões individuais de entrevista que tiveram duração média de 20 minutos, em procedimento realizado durante o mês de outubro de 2019. Os dados após transcritos e sistematizados foram analisados com base nos seguintes teóricos: Soares (2010); Araújo, Bravo e Rodrigues (2014); Freire (2008); Busatto (2003); Abramovich (2001).

### 3.1 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma instituição particular da cidade de Campo Grande -MS, onde a mesma contempla o ensino desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, a qual nomearemos de instituição “A”, que atende crianças de 2 a 5 anos na etapa da Educação Infantil, de 6 a 14 anos na etapa do Ensino Fundamental e de 15 a 17 anos no Ensino Médio, funcionando de segunda a sexta – feira das 7 h às 17 h.

A instituição “A” possui ao todo 980 alunos, com turmas da Educação Infantil contendo 15 alunos no máximo em cada sala de aula, no Ensino Fundamental I com 20 alunos no máximo em cada sala de aula, no Ensino Fundamental II com 25 alunos no máximo em cada sala e no Ensino Médio 30 alunos no máximo em cada sala aula. Possui 28 salas de aulas, quadras cobertas, laboratório de informática, biblioteca, espaço adequado para alunos da Educação Infantil, playground, salas apropriadas para aulas de judô, jazz e rampas de acesso para pessoas com mobilidade reduzida e ainda conta com mais de 65 professores. A pesquisa foi realizada com base nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo eles do 1º ao 5º ano, com crianças de 6 a 10 anos de idade.

### 3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Nossos sujeitos da pesquisa foram três professoras que atuam ou atuaram na instituição particular intitulada instituição “A”. Para o sigilo das entrevistadas, denominamos: Professora “A”, Professora “B” e Professora “C”. Para melhor compreender a entrevista efetivada, começaremos com os dados coletados antes de iniciar a entrevista.

Professora A - formada em Pedagogia e em Letras – Língua Portuguesa, possui 4 especializações, Mestrado em Educação, está finalizando uma MBA em Gestão, já trabalhou na Secretaria de Educação como coordenadora do ensino médio e da educação profissional, atua a 22 anos na área da educação, no momento seu cargo é de coordenadora pedagógica da educação básica e também coordenadora e professora do ensino superior.

Professora B - formada em Pedagogia, Pós-Graduada em Psicopedagogia e mestre em formação de professores. Formada e atua na área da educação há mais de dez anos.

Professora C - formada em Pedagogia e na área da Orientação Educacional, 30 anos de profissão tanto dentro de sala de aula, quanto como coordenadora, já ministrou aulas para todos os anos escolares, inclusive ensino médio e hoje trabalha na universidade, também ministrando aulas.

#### 4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa se propôs a investigar, as contribuições da contação de histórias na formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede particular de Campo Grande – MS.

A pesquisa trata de compreender o uso da contação de histórias, assim como sua eficiência no processo de letramento, e a prática pedagógica das professoras.

Nessa pesquisa, as professoras puderam expor experiências, informações de práticas pedagógicas e conhecimentos com relação ao uso da contação de histórias como ferramenta eficaz no processo de letramento. As entrevistas foram gravadas em áudio no decorrer do mês de outubro de 2019. Subsequente, foram transcritas e, por fim, foram selecionados os pontos mais relevantes de forma a responder a problemática desta pesquisa e cumprir os objetivos traçados.

As professoras “A” e “B” quando questionadas sobre, como percebiam o processo de letramento com os alunos, responderam que:

o processo de letramento da criança, é muito importante até para o adulto enquanto professor porque alfabetizar, puramente ensinar o “b” “aba” que é diferente de você letrar, da criança letrada e do adulto letrado, então esse processo de letramento é da criança saber ler saber produzir textos mas principalmente como utilizar socialmente esse texto ele entender para que que serve uma receita ele entender o que está implícita na propaganda, para que que serve uma bula de remédio que é diferente de um texto instrucional então o letramento ele a base falando muito resumidamente, é isso é você fazer com que a criança se embrenhe nesse mundo da leitura e da escrita, mas que saiba utilizar socialmente essa leitura e essa escrita (PROFESSORA A, 2019).  
o processo de letramento não acontece de forma isolada, a própria palavra letramento nos remete a práticas sociais de leitura e escrita. Então todo trabalho que realizamos com as crianças ele tem esse viés de trazer para as crianças questões sociais que estão colocadas, quando conto uma história, quando as crianças falam uma poesia, quando eu faço um cartaz sendo escriba das crianças, quando proponho para as crianças um pouco maior a própria escrita espontânea, estamos trabalhando processo de letramento mesmo na roda de matemática por exemplo. Então esse processo ele não acontece dissociado em um único tempo [...] (PROFESSORA B, 2019).

Em que expõem as professoras “A” e “B”, referente ao processo de letramento, Soares (2010, p. 21) afiança que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. ”

Conforme as pertinentes ideias de Soares (2010), referente ao letramento, a professora A e a professora B declaram que o fato de o aluno ser letrado, é diferente de ser apenas alfabetizado, pois o aluno letrado, utiliza a leitura e a escrita em meio a sociedade e ainda reforça que o processo de letrar não

acontece separadamente.

Já a professora “C”, identifica o processo de letramento por meio da leitura, do acesso constante dos alunos à biblioteca da escola e, o trabalho pedagógico por meio de projetos:

As professoras têm o trabalho frequente em sala de aula e usam também a biblioteca da escola, porque nós temos o projeto de leitura. Então as crianças elas são bem envolvidas nesse trabalho de ler livros de literatura infantil, em sala de aula, fora de sala, em casa, na escola [...] (PROFESSORA C, 2019).

Desta forma, a resposta dada pela professora “C”, se nivela ao que Freire (2008, p. 22) diz “a compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Sendo assim, pertinente a Freire e a resposta dada pela professora “C”, percebemos a valorização da biblioteca como um ambiente para a prática de leitura, pois, é oferecido ao aluno/leitor um contato rotineiro, onde a mesma também favorece o processo de letramento.

Subsequente, as professoras “A”, “B” e “C” foram questionadas se a contação de histórias favorecia o processo de letramento, sendo assim, responderam que:

Com certeza, mesmo a criança, o bebê dentro da barriga quando a mãe conversa com ela, dialoga, conta uma história, canta uma música e essa criança vem para o mundo mesmo desde bebê dentro da escola, no berçário, no maternal quando a criança vê o outro adulto enquanto o leitor e ele viaja nesse mundo da leitura ele olha as imagens do livro, ele se apropria disso é muito importante e principalmente ouvir a história de quem conta, esse contador esse encantamento é muitas vezes o direcionamento por mais simples que a história seja ela vai influenciar porque quando a história é bem contada a criança vai querer pegar aquele livro, ela vai querer se apropriar, ela vai pedir para que conte 30 vezes a mesma história e aquilo vai incentivar com que ela peça para que outros leiam e futuramente que ela leia para outras pessoas. Quando a gente faz uma atividade de dar um livro para criança e pedir que ela conte a história, quando ela pega o livro mesmo ela não lendo convencionalmente como a gente, ela vai contando os detalhes daquilo que ela ouviu o contador contar daquilo que ela se apropriou da história e aquilo vai incentivando mesmo que ela não faça a leitura das palavras, mas ela já está tendo contato com a escrita viajando nesse mundo, entendendo o porquê daquele gênero, daquela história [...] (PROFESSORA A, 2019).

Sim com certeza, essa questão do letramento é uma questão mais global que vai envolver a questão de linguagem oral, a questão da compreensão de como a escrita na nossa sociedade começa “direita para a esquerda”, de toda a questão da estrutura do texto, como é organizada uma poesia, como é organizado um texto e quando eu conto as histórias para as crianças que eu apresento a capa do livro, que eu apresento quem é o autor, quem é o ilustrador e que eu leio, e que ler é diferente de contar histórias, que é importante também demarcar isso, que quando eu leio um livro eu preciso ser fiel ao que está escrito, então todas às vezes que eu ler um mesmo livro, preciso ler as mesmas palavras, porque elas não foram alteradas. Quando conto uma história já posso inserir vários outros elementos e não preciso necessariamente ser fiel aquela escrita, posso acrescentar algumas coisas, suprimir outras, então a leitura é extremamente importante para as crianças começarem a perceber essas questões, não só na questão de codificar e decodificar a escrita, mas também na questão da imaginação, de ampliação de repertório, porque não escrevemos o que não sabemos, precisamos ter imaginação, ampliação desse repertório para que consiga inventar minhas próprias histórias e ter autoria própria sobre elas (PROFESSORA B, 2019).

Por que desenvolve habilidades próprias para leitura e escrita, em todos os níveis tanto da criança na Educação Infantil até os níveis posteriores. Na contação de histórias há todo um envolvimento, então a criança ela está nessa fase da fantasia da imaginação. A curiosidade o fator da criatividade, então contando a história ele se envolve, porque aí você coloca a entonação de voz, gestos e a criança fica atraída por isso, isso tudo é muito atrativo [...] (PROFESSORA C, 2019).

Em que discorre as professoras A, B e C sobre o benefício da contação de histórias no processo de letramento, Araújo, Bravo e Rodrigues (2014, p. 84) asseguram que “a contação de história em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação, o que facilita a aprendizagem oral e escrita”. Em conformidade com as ideias de Araújo, Bravo e Rodrigues (2014), as docentes “A”, “B” e “C” enfatizam que a contação de histórias influencia positivamente o processo de letramento e o que no ato de contar deve existir um comprometimento por parte do contador, pois nesse momento a criança está obtendo contato com uma infinidade de recursos fundamentais para o desenvolvimento da oralidade e da escrita.

Por fim, indagamos às professoras “A”, “B” e “C”, se a contação de histórias podia compor a prática pedagógica, nessa vertente, contestaram que:

Ela, deve. Porque por exemplo aqui nós temos uma organização assim o professor todos os dias faz uma leitura a gente chama de leitura compartilhada que não é uma contação de histórias, o professor pode até contar uma história, mas para que Ele trabalha todos os gêneros textuais no decorrer do ano com criança. Então, no início da primeira aula ele senta, ele conta uma crônica, um conto, vai ler uma poesia. Mas, além disso, deve existir o momento, nós chamamos de hora do conto, então deve existir o momento que é uma vez por semana onde o professor vai contar para essa criança uma história diferente, e para esse contar histórias ele pode utilizar diferentes recursos ou somente o livro, o bacana é que ele mude, de repente ele pode fazer uma contação de histórias para crianças utilizando as outras crianças, ele pode se fantasiar, ele pode utilizar um dos recursos que ele tem da história para apresentar essa história, porque a criança vendo o professor no papel de contador, no papel de leitor, isso influencia muito o prazer pela leitura, nós temos que resgatar nas crianças, ainda mais nos dias de hoje que a internet facilita muito, que ler é muito bacana, que o livro físico é muito legal, que as histórias são importantes, estimular para que eles leiam cada vez mais e as escolas e os professores precisam encaixar no seu dia a dia, no seu planejamento da rotina diária momentos de contação, momentos em que a criança vai ler mesmo que seja a pseudoleitura, momentos que eles vão fazer a troca, escolher crianças para recontar aquela história, mas para isso o professor precisa ter repertório, ele precisa se repertoriar e precisa se conhecer diferentes histórias, senão ele vai contar a vida inteira Os Clássicos chapeuzinho Branca de Neve que é bacana que você trabalhe, mas existem livros contemporâneos que são maravilhosos então o professor precisa se repertoriar, para repertoriar as crianças [...] (PROFESSORA A, 2019).

Ela deve, se formos pensar mesmo na universidade, quando partimos de um texto que nos envolve, temos mais elementos para pensar e nós aprendemos dessa forma, quando me identifico com o texto. Fanny Abramovich, aborda a questão do favorecimento dos contos de fadas, uma vez que as crianças se identificam com eles, essa identificação vai aproximá-las desse saber, do conhecimento que eu quero que elas aprendam e que elas estejam. Então a contação de histórias ela não pode, ela deve, inclusive dizemos que faz parte da rotina diária das crianças ouvir histórias, ou lidas ou contadas pelos professores, para que elas tenham o costume de ouvir, ler e criar suas próprias histórias, mais antes que elas consigam realizar isso com autonomia que o professor dê suporte para as crianças (PROFESSORA B, 2019).

Deve, na minha opinião o professor poderia colocar uma vez por semana uma contação de história, não só na área de língua portuguesa mais em qualquer área. A interdisciplinaridade, se estou trabalhando história porque não eu aproveitar um livro de literatura e inserir nessa aula. Muitas vezes contando a história a criança começa a se identificar com situações, com personagens. Na contação de histórias devemos desenvolver a habilidade de saber ouvir (PROFESSORA C, 2019).

Percebemos que em todas as respostas, as professoras enaltecem a ideia de que a contação de histórias não só pode, como deve compor a prática pedagógica, e principalmente que o educador precisa de organização e preparação no momento em que a professora “A” diz que “[...] a criança vendo o professor no papel de contador, no papel de leitor, isso influencia muito o prazer pela leitura [...]”, tal ideia se alinha a de Busatto (2003) quando diz que o ato de narrar não é algo simples ou algo banal, o ato

de narrar é uma arte e por isso, existe preparação do educador.

Pois o educador enquanto formador de leitor, precisa ter a responsabilidade de saber que está influenciando e precisa fazer isso com perfeição.

Complementado a discussão, a professora “B” cita a autora Fanny Abramovich que “aborda a questão do favorecimento dos contos de fadas, uma vez que as crianças se identificam com eles, essa identificação vai aproximá-las desse saber, do conhecimento [...]”, e a professora “C” em sua resposta também apresenta o seguinte diálogo: “Muitas vezes contando a história a criança começa a se identificar com situações, com personagens”, pelo mesmo viés Araújo; Bravo; Rodrigues (2014, p. 78) reforça a ideia que “[...] o ato de contar histórias pelo outro ou pelo próprio sujeito leva à aprendizagem e ao desenvolvimento e ao reconhecimento da própria subjetividade e dos processos que ocorrem cotidianamente”.

Sendo assim, constata-se que, ouvir/ler uma história pode colaborar para a formação cognitiva, pois a criança ao assemelhar a história narrada/ouvida a sua realidade a aprendizagem se torna mais fluida, onde também irá resolver conflitos internos, e do mesmo modo resultará um bom desenvolvimento emocional.

Da mesma forma a professora “C” ao dar sua resposta, nos chamou atenção ao falar da interdisciplinaridade “[...] colocar uma vez por semana uma contação de história, não só na área de língua portuguesa mais em qualquer área. A interdisciplinaridade, se estou trabalhando história porque não aproveitar um livro de literatura e inserir nessa aula [...]” de maneira similar Abramovich (2001) afiança que: “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 2001, p. 17).

Em conformidade com as ideias da professora “C” e de Abramovich (2001), é imprescindível ressaltar que contar/ouvir histórias, se torna um meio de aprendizagem sobre diferentes povos e culturas, diferentes problemáticas que envolve a sociedade e o mundo, e além do mais, de forma lúdica, onde a criança aprende de um jeito mais descomplicado e espontâneo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi analisar as contribuições da contação de histórias na formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola particular de Campo Grande – MS.

Nesse interesse, a pesquisa aplicada às três educadoras mostrou uma relação da contação de histórias com o processo de letramento, assim como o seu proveito para o desenvolvimento da criança como um futuro leitor questionador. Sendo assim, contação de histórias se apresentou como um alicerce para o processo de letramento. Em que a criança antes de decodificar palavras, já traz consigo a leitura de mundo.

Apesar da contação de histórias se manifestar como uma conveniente forma de auxiliar o processo do

letramento, observamos que, nos anos iniciais do ensino fundamental o ato de contar de histórias se perde, sendo mais comum encontra-lo na educação infantil, por diversos fatores que se tornam desafios para os docentes nessa etapa, tais como: cumprir planejamento, cumprir grade curricular, organização do tempo, entre outros.

Para Pereira e Queiróz (2020) existe um encanto em se assumir como alfabetizadora e estar com as crianças, “pois vemos nelas uma fonte enriquecedora da nossa formação: a cada dia uma descoberta, uma possibilidade a mais para ensinar a leitura de mundo e a leitura da palavra, produzindo conhecimento” (p. 166).

A alfabetização por ser o ato de ler e o escrever acaba sendo o objetivo a partir do ingresso no ensino fundamental, no entanto, se esquecem que, a contação de histórias também é uma ferramenta colaboradora no decurso da alfabetização, uma vez que desta forma estará alfabetizando e principalmente, letrando simultaneamente por meio de uma bela história.

Deste modo, podemos afirmar que é possível formar leitores que sintam prazer na leitura, e que tornem do ato de ler, um hábito.

A contação de histórias se mostrou um auxílio na prática pedagógica, mas sobretudo uma estratégia que agrega ao repertório lúdico no sentido de despertar no aluno o gosto pela leitura contribuindo significativamente para uma prazerosa construção de novos saberes.

Se considerarmos que hoje, os alunos estão tendo mais acesso à escolarização, podemos afirmar que agora compete à escola a função de trabalhar a leitura de forma mais natural e envolvente, de maneiras que o ambiente escolar muitas vezes é um único ambiente letrado a que esse aluno tem acesso.

Cabe aos professores o engajamento nesse processo de letramento, mesmo que seja nos anos iniciais do ensino fundamental, buscando repensar as suas práticas, a partir de questionamentos do tipo: Esses alunos leem? Leem porque gostam de ler? Como trabalhar a contação de histórias nesse ambiente como auxílio nesse processo?

A partir desse estudo podemos perceber que a contação de histórias também é um incentivo ao educando para que este, desempenhe seu trabalho de modo inovador, uma vez que existem inúmeras atividades que o professor pode realizar em sala de aula, e contar histórias pode criar ambientes criativos e mágicos. Finalizamos este trabalho, com a certeza que tudo aquilo que é útil na formação de leitores, é válido para a construção e ampliação dos conhecimentos de mundo desse futuro leitor.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- ARAÚJO, M. P. M.; BRAVO, D. O. M.; RODRIGUES, G. A. S. A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental. **Revista Científica da Faculdade Cenecista de Vila Velha**, n. 12, p. 73-86, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://facevv.cnec.br/revista-facevv-no-12-jan-jun-de-2013/>>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanalise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento final. MEC. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49ª ed, São Paulo: Cortez, 2008.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs); **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MIGUEZ, Fátima. **Na arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- PEREIRA, N. A. G. .; QUEIRÓZ, S. C. F. DE . A festa das letras: uma alfabetização possível. **Latin American Journal of Development**, v. 2, n. 5, p. 163-168, 30 Oct. 2020. DOI: <https://doi.org/10.46814/lajdv2n5-003>.
- PRADO, Sandra da Conceição do. **Centro de Contação de Histórias**. Disponível em: <<https://www.contadoresdehistorias.com.br/dicas.html>>. Acesso em: 08 out. 2019.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. 7ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, nº 25. p. 05-17, jan./abr. 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora,

2010.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

### **Entrevistas**

ENTREVISTA. Professora **A**. Rede particular de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 25 de outubro de 2019.

ENTREVISTA. Professora **B**. Rede particular de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 29 de outubro de 2019.

ENTREVISTA. Professora **C**. Rede particular de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2019.